

Silvio Romero: Contribuição das raças na formação da identidade nacional brasileira.

Cícero João da Costa Filho *

Resumo: A segunda metade do século XIX no Brasil configurou-se por uma série de acontecimentos que culminariam tempos depois na abolição dos cativos e na instauração do regime republicano. Silvio Romero foi apenas um, dentre sua "geração", a encabeçar o movimento político-intelectual a partir das idéias científicas de seu tempo na crítica ao *status quo* imperial. Bacharel pela célebre Faculdade de Direito do Recife, Romero pensou o Brasil tendo em vista os princípios da biologia onde os conceitos de evolução e transformação explicariam todo um organismo social. A nação brasileira seria pensada tendo por base um organismo vivo e a questão racial para o bacharel seria uma das variantes inquestionáveis para compreender o novo Brasil republicano e liberal que estaria por surgir.

Palavras-chave: Silvio Romero; geração de 70; nação brasileira; evolucionismo

Résumé: La seconde moitié du XIX^e siècle au Brésil s'est configurée par une série d'événements qui culmineraient des temps après dans l'abolition des captifs et dans l'instauration du régime républicain. Silvio Romero a été seulement un, parmi sa "génération", à diriger le mouvement politique-intellectuel à partir des idées scientifiques de son temps dans la critique au *status quo* impérial. Bachelier par la célèbre Faculté de Droit du Recife, Romero a pensé le Brésil ayant en vue les principes de la biologie où les concepts d'évolution et la transformation expliqueraient tout un organisme social. La nation brésilienne serait pensée ayant par base un organisme vivant et la question ethnique pour le bachelier serait une des variantes incontestables pour comprendre le nouveau Brésil républicain et libéral qui serait en train d'apparaître.

Mots-clé: Silvio Romero; génération de 70; nation brésilienne; evolucionisme

O pensamento sociológico de Silvio Romero insere-se numa totalidade orgânica e funcional oriundo do momento histórico de formação e divulgação das nascentes ciências sociais no Brasil sob inspiração de Augusto Comte na segunda metade do século XIX. Conforme a amplitude desta visão enciclopédica ou funcional na qual a visão mecanicista das leis em suas causas e efeitos regia o processo de conhecimento das ciências ditas naturais, a problemática maior do bacharel sergipano foi a transposição desses métodos para os estudos do homem, ou seja, o contato dos elementos de um conhecimento profundamente exato em função de variáveis comprovadas no processo do conhecimento das ciências sociais (LEITE, 1969).

* Universidade de São Paulo (USP), doutorando. Este artigo é parte de projeto de doutorado no Programa de Pós-Graduação em História Social sob orientação do Prof. Dr. Dario Horácio Gutierrez Gallardo.

Silvio Romero leu e divulgou o “o bando de idéias novas”¹ que ecoavam sobretudo da Europa. Da França num primeiro momento confiou suas análises ao positivismo de Comte, embora depois desacreditasse que esta mesma corrente pudesse tornar possível à compreensão da “índole” do Brasileiro. Dos naturalistas Charles Darwin e Lamark assimilou a seleção natural do mais apto em sua lei concorrencial pela vida. Assim, Romero acabara por creditar a raça branca o maior número de idéias e estas sendo as mais fortes em detrimento da contribuição da raça negra e indígena para interpretar a cultura brasileira. Mas, foi com o evolucionismo de Herbert Spencer que Silvio Romero baseou suas análises da cultura brasileira. Acreditava na evolução social, daí sua apologia ao naturalismo em literatura, a defesa de determinados “recortes” históricos que contribuiriam para a evolução literária brasileira em relação a antiga metrópole portuguesa. Em filosofia o bacharel renegou o espiritualismo de Vitor Cousin de tradição retórica, posicionando-se contra um ensino jesuítico bem conformado a uma elite aristocrata que legitimara todo um romantismo de base católica e socialmente hierárquico (ALONSO, 2002). Em matéria de crítica, embora segundo Antonio Candido, Romero tenha sido um mau crítico literário, este fundara a crítica literária moderna baseando sobretudo suas análises a partir da questão racial e mesológica cujo método assimilava os mesmos elementos das ciências naturais. Afinal, para Romero a crítica não era “(...) um sistema, uma teoria, uma doutrina feita e completa, uma ciência, mas um processo, um método, um controle, que se deve aplicar as criações do espírito todos os ramos de sua atividade (...)” (ROMERO, 1969: 338).

Ver-se á que Silvio Romero imbuído de um pensamento assegurado pelos mesmos elementos que suportam as análises científicas investiga os processos sociais a luz de uma crítica fundamentalmente orgânica e funcional, e eis o sentido de sua lógica para o empreendimento de sua produção intelectual sobre a cultura brasileira.

Não sem razão que o bacharel empreende pela busca dos fatores condicionantes a formação do gênio, do espírito do povo brasileiro, herdeiro da fusão das três raças: branco, índio e negro. Partindo da concepção germânica de literatura na qual incluem “todas as manifestações da inteligência de um povo”. Romero insurge-se contra a idéia de restringir as manifestações culturais do povo brasileiro à poesia. O crítico literário acreditava nos fatores condicionantes da literatura brasileira, tais como: “o português, o negro, o índio, o meio físico

¹ Esta expressão é por demais conhecida em função da multiplicidade de idéias que ecoavam da Europa e dos EUA. Vale dizer que o processo de assimilação dessas idéias era dado conforme a adaptação e recodificação dessas ao cenário nacional. Não cabe aqui relevar a questão das “idéias fora do lugar” como salienta Robert Schwarz, mas sim apontar o caráter instrumental para fins meramente políticos na derrocada do regime imperial. Ver ALONSO, Ângela. *Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e terra, 2002.

e a imitação estrangeira”. Analisando a literatura que para este representaria o “caráter nacional do brasileiro”, Romero formulava sua teoria no Brasil, a teoria da mestiçagem, visto que esta era reflexo destes elementos condicionantes (ROMERO, 1960: 54).

Seria a questão centrada a partir da união das raças a problemática maior juntamente com a idéia evolucionista pelas quais Silvio Romero elaboraria sua formulação teórica para analisar a sociedade brasileira. Somado a esta questão etnográfica sua análise está ancorada na escola de Lê Play como desdobramento da lei da evolução balizada pela influência de Herbert Spencer. Segundo o próprio Romero (...) “os processos da escola Le Play fizeram-me penetrar mais fundo na trama interna das formações sociais e completar as observações exteriores de ensino spenceriano. É uma confirmação em última instância de conclusões obtidas por outros meios e estradas” (...) (ROMERO, 1969: 189).

Assim, Silvio Romero desenvolvendo sua produção intelectual se pergunta pelo processo de formação nacional do povo brasileiro na segunda metade do século XIX centrando suas análises sobretudo a partir da questão racial e mesológica. Foi influenciado por H.T Buckle e sua obra *History of civilization in England* e mesmo apontando equívocos desta teoria por ser esta em “demasia cosmológica” Romero alicerçou sua idéia sob a inspiração do escritor inglês para as suas análises centradas no meio ambiente. Segundo Romero “Buckle é verdadeiro na pintura que faz do nosso atraso, não na determinação de seus fatores” (ROMERO, 1960: 63 e 87).

A importância dos elementos raciais e mesológicos concebidos a partir da escola darwinista social² são centrais para compreensão do pensamento romeriano. Esta escola baseava-se pela anatomia comparada, frenologia e fisiologia. O estágio cultural brasileiro devia-se a três fatores: naturais (raça, meio, equilíbrio bio-psíquico), sociais e psicológicos. Para Silvio Romero o “estádio de inteligência” da sociedade brasileira estava relacionado aos fatores do meio ambiente. Concluía Romero

² A partir de 1870 as teorias raciais adentram o universo institucional brasileiro das academias, museus e outras instituições nacionais. Somado a escola darwinista-social outras duas escolas ou correntes estudavam o comportamento humano a partir do rigor científico: **escola etnológica**, oriunda dos EUA nas décadas de 40-50, sustentava a criação a partir de mutações das espécies, seu maior representante foi Louis Agassiz; e a **escola histórica** confiava na evidencia histórica aludindo que diferenças físicas permanentes haviam sido estabelecidos de modo conclusivo por etnógrafos e anatomistas. O Conde de Gobineau e outros defensores da escola histórica ajudam a propagar na Europa que a raça era o fator determinante da história humana. De acordo com Thomas Skdimore “quanto mais os brasileiros tomavam conhecimento das últimas idéias geradas da Europa, tanto mais ouviam falar da inferioridade do negro e do índio”. SKDIMORE, Thomas. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 69.

(...) não temos filosofia, nem ciência, nem a grande poesia impessoal dos grandes gênios europeus. Temos o palavreado da carolice, a mística ridícula do beatêrio enfermo e fanático, de um lado, e de outro, os devaneios fúteis da impiedade impertinente e fácil; na poesia, o lirismo subjetivista, mórbido, inconsistente, vaporoso, nulo (...) ROMERO, 1960: 93-94).

Romero discordava da teoria das forças diagonais apregoadas por Martius por achar esta “puramente descritiva” onde carecia do nexos causal para explicar a situação evolutiva do momento histórico no Brasil (ROMERO, 1969: 61). A influência de Buckle e Taine sobre o pensamento romeriano faria com que o bacharel valorizasse a participação do meio físico (clima, geologia, topografia) na formação da “índole” do brasileiro. Dizia Silvio “(...) a ação do clima tem contribuído para nossa integração nacional, na literatura ela tem ajudado a efusão sentimental de nosso lirismo mais doce, suave e ardente do que o lirismo herdado dos portugueses (...)” (ROMERO, 1960: 96).

Mas, seria nodal para o entendimento de sua interpretação brasileira a questão racial, no qual afirmava Romero que a singularidade brasileira era o mestiço, resultado da fusão das três raças. O mestiço era pois o “genuíno brasileiro” elemento ímpar e singular que bem representava o caráter nacional brasileiro (ROMERO, 1969: 61). Defendendo a superioridade das raças, Romero acreditava na fortaleza da raça ariana (branco-européia) em detrimento da contribuição de negros e indígenas à formação do caráter brasileiro. Sua interpretação tendo em vista sua teoria do Brasil partia da mestiçagem como pressuposto teórico que tenderia ao braqueamento. Os valores, instituições, costumes políticos e culturais brasileiros se explicavam pelo contanto das três raças, prevalecendo a mestiçagem como elemento novo e o mestiço como sua representação direta. De acordo com Romero “todo brasileiro é um mestiço, quando não no sangue, nas idéias” (ROMERO, 1964: 54).

O pensamento romeriano está intrinsecamente ligado ao momento histórico pelo qual assimilou as teorias científicas da segunda metade do século XIX na Europa e analisou as transformações sociais no Brasil. Lembremos que a segunda metade do século XIX caracterizou-se por profundas transformações sócio-econômicas fruto da desestabilização da economia açucareira no nordeste e do surgimento da forte economia do centro sul centrada no oeste paulista alicerçada no café. O início desta “nova” conjectura social se dá já em 1850 quando se verifica a proibição do tráfico inter-continental de escravos sob pressão inglesa, embora não cesse o tráfico entre as províncias do Brasil (COSTA, 1967).

A segunda metade do século XIX no Brasil caracterizou-se por uma nova ordem social e política que culminaria tempos depois com o advento do abolicionismo e do regime republicano. De forte poder aristocrático baseado principalmente na economia de terras a

sociedade conservadora do I império era legitimada simbolicamente pela visão da Igreja e por um ideal romântico que respaldava uma estrutura social por demais estratificada (ALONSO, 2002). Atrélado a esta estrutura sócio-material carregava um amálgama de idéias centrado nas mãos dos bacharéis em Direito saídos grande parte da célebre Universidade de Coimbra, fortemente marcada por seu ensino canônico. Era esta elite conservadora embora letrada que disseminou a forma de pensar para o engendramento da sociedade imperial, que mais tarde seria criticada pelas correntes científicas centrados sobretudo a partir dos ideais de evolução social, darwinismo, positivismo e etc. (CARVALHO, 2003).

Em 1860 saía o programa do Partido Progressista combatendo a monopolização do poder central pelos saquaremas que dominavam todas as estâncias políticas. Dez anos depois surgia o manifesto do Partido Republicano que mais tarde culminaria no golpe republicano (CANDIDO, 1945: 193). Toda essa situação era acrescida pela guerra do Paraguai de 1864-1870, questão religiosa, e sobretudo, pela crítica a base do império, qual seja: a questão da mão-de- obra escrava (COSTA, 1960: 168). Segundo o próprio Silvio Romero

(...) O decênio que vai de 1868 a 1878 é o mais notável de quantos nos século XIX constituíram a nossa vida espiritual. Quem não viveu nesse tempo não conhece por ter sentido diretamente em si as mais fundas comoções da alma nacional. Até 1868 o catolicismo reinante não tinha sofrido nestas plagas o mais leve abalo: a filosofia espiritualista, católica e eclética a mais insignificante oposição; a autoridade das instituições monárquicas o menor ataque serio por qualquer classe do povo; a instituição servil e os direitos tradicionais do feudalismo prático dos grandes proprietários a mais indireta opugnação; o romantismo com seus doces, enganosos e encantadores cismares, a mais apagada desavença reatora. Tudo tinha adormecido à sombra do manto do príncipe feliz que havia acabado com o caudilhismo nas províncias e na América do Sul e preparado a engrenagem da peça política de centralização mais coesa que já uma vez houve na História de um grande pai. De repente, por um movimento subterrâneo, que vinha de longe, a instabilidade de todas as coisas se mostrou e o sofismo do império apareceu em toda a sua nudez (...)³.

A citação acima diz bem o alvorecer de um novo período histórico brasileiro enfrentado não somente pelo surgimento das novas técnicas, como também pelo novo olhar que agora portavam as ciências sociais, dentre elas a história e a literatura (VENTURA,1991). A influência de naturalistas permeou o olhar literário, de forma específica, da crítica literária moderna que segundo Antônio Candido surge com Silvio Romero.

É neste cenário sócio-político que faz sentido a assimilação das novas idéias científicas advindas da Europa e dos Estados Unidos colocando em cheque toda uma ordem arcaica e hierárquica sustentada pelos escritores do romantismo brasileiro. O período

³ ROMERO, Silvio. *Provocações e debates. Contribuições para o estudo do brazil Social*. Portugal: Imprensa Moderna, 1908, p. 358.

monárquico concebido como atrasado pelo grupo de Sílvio Romero respaldado sobretudo pelos ideais românticos dos escritores agrupados em torno do IHGB imbuídos de forjar uma identidade nacional seria superado em detrimento de um novo estágio social defendido pela maioria dos grupos intelectuais, no caso, o estágio moderno ou positivo (GUIMARÃES, 1988). O próprio Sílvio Romero defendendo suas idéias quando da defesa de seu trabalho afirmava que “a metafísica estava morta”, quando um dos membros da banca o interrogava quem havia matado Romero afirmava que a “civilização” e o “progresso” haviam abolido a análise romântica⁴ da sociedade por parte da concepção dos tradicionais bacharéis (VENTURA, 1991: 127).

As idéias científicas logo encontraram terreno para contestar uma ordem social arcaica e fadada a não progredir. A visão científica perpetrada pelas teorias raciais e mesológicas frente ao caldeamento étnico brasileiro respaldava não somente o estágio mental do país como propunha uma leitura da realidade nacional a partir de valores etnocêntricos baseados nos valores da ciência experimental. Entravam em cena os representantes maiores deste universo civilizado: os escritores da combatente *Geração de 70*, no qual, juntamente com José Veríssimo, Araripe Junior, Capistrano de Abreu, Clovis Beviláqua, Graça Aranha, juntava-se Sílvio Romero.

Lutando a partir dos ideais gerados pelo advento da biologia experimental, da genética, herdeiros da III revolução industrial, esta geração esquadrinhou a sociedade brasileira e promoveu uma “renovação mental” da cultura brasileira (CANDIDO, 1969; ROMERO, 1969: 61). Antonio Candido não apenas designa sua crítica como moderna e científica como associa este pensamento científico de Romero e de sua geração como “ideologia burguesa” resultado da inserção nacional da economia brasileira no capitalismo industrial europeu (ROMERO, 1969, 61). A partir do surgimento da crítica culturalista de Romero se verificará a preocupação dos fatores condicionantes da obra de arte, afastando pois um caráter estético e de gosto como bem pensava o também crítico literário e que se tornaria rival de Romero, o paraense José Veríssimo. Sendo todos abolicionistas e republicanos a geração de Sílvio Romero centrará suas análises a partir dos elementos raciais e mesológicos. Surgia novos elementos na sociedade brasileira que se opunham ao estado de coisas do império (SEVCENKO, 1995: 79).

⁴ Sílvio Romero iniciou seus escritos atacando o romantismo armado dos novos elementos da ciência da época. Afirmava “(...) em poesia iniciei a reação contra o romantismo em 1870, pregando a intuição nova de uma poesia alimentada do espírito filosófico dos nossos dias. Minha obra em totalidade deveria constar de cantos inspirados pela Natureza, Humanidade, América, e Sergipe(...)” (ROMERO, 1960: 47).

Uma nova burguesia urbana se contrapunha ao predomínio dos aristocratas fincados na economia açucareira; o bacharel Silvio Romero se educava sob os princípios do naturalismo francês de Zola em detrimento da poesia romântica de Victor Hugo e Lamartine.

O evolucionismo de Spencer se contrapunha ao espiritualismo de base católica divulgado nos seminários, sobretudo do nordeste brasileiro. Desabrochava um pensamento crítico em oposição a retórica, o ensino crítico prevalecia sobre o humanismo jesuítico, os empreendimentos comerciais de Mauá em São Paulo desautorizava a economia de base rural. O liberalismo era apregoado expandido cada vez mais suas trocas e se contrapondo ao trabalho escravo (CANDIDO, 1945: 193). Enfim, pelas palavras do próprio Silvio Romero “é um mundo inteiro que vacila nas regiões do pensamento teórico, o travamento da peleja foi ainda mais formidável, por que era horroroso, um bando de ideais novas esvoaçavam sobre nós de todos os pontos do horizonte” (ROMERO, 1910: 359). A partir de então a sociedade brasileira iria atravessar um momento iluminista e o que não era visto a partir do olhar científico seria identificado por bárbaro, imerso numa cultura menor. As manifestações da cultura popular brasileira, tendo em vista que Romero se espreitou nelas seriam vistas a partir de um olhar civilizatório onde o que não condiz com as normas finas da “civilização” e do “progresso” dos idos da *belle-époque* do fim do século sofrem de um olhar repressor (VELLOSO, 1996).

Romero creditava a variante raça mais que a variante meio em suas análises brasileiras. Pensava que a categoria raça seria nodal para a compreensão ou interpretação do Brasil. Não cabe aqui discutir de forma pormenorizada a questão da origem das raças, embora saibamos que Romero fora um defensor do poligenismo, mas sim elucidar que para o bacharel tal fator era a principal variante em sua leitura brasileira. Sua imagem do índio, aquele segundo o bacharel que menos contribuiu está alicerçada em sua teoria evolutiva e seus desdobramentos de estágios, e claro, sua concepção de sociedade a partir do viés da ciência da época. Devido a sua raça e seu estágio evolutivo a cultura indígena seria aquela que menos contribuiu para a “índole” nacional brasileira, visto que suas idéias seriam superadas pelas idéias mais fortes no qual aparecia aqui de forma clara a idéia de seleção natural. O negro depois do português segundo Romero seria aquele que mais contribuiu para o “caráter” do brasileiro, e portanto, do mestiço, aquele que representava o “tipo” nacional. Dessa forma, não seria nem o português, nem o índio, nem o negro, o que caracterizaria o brasileiro, mas sim a mistura das três raças. Romero encontrava pois uma forma de naturalizar explícitas diferenças sociais tendo em mente idéias as idéias científicas e raciais da época. Frente o processo de evolução a sociedade brasileira iria se embranquecer não só biologicamente como

culturalmente, haja visto que não havia uma separação entre biologia e história, pois a partir do método romeriano as ciências sociais teriam o mesmo rigor, e portanto, o método seria o mesmo utilizado pelas ciências ditas naturais. A lógica seria o elemento chave que respaldaria esse tipo de análise. Grande parte de autores vêm no pensamento de Romero um pensamento pragmático fruto de uma visão liberal que na verdade não deixava de ser conservadora. Para Romero o pensamento enquanto tal só tinha razão de ser se pudesse ser aplicado e daí tornar possível algum tipo de mudança. Da multiplicidade de leituras que atravessou a idéia que sobressaiu em sua ótica fora a idéia de evolução para respaldar uma estrutura de estado liberal em que os estratos sociais estejam devidamente alocados em seus lugares. As leis evolutivas iam de encontro a qualquer idéia de igualdade ou aproximação de uma possível leitura marxista de sociedade de classes, partia de uma desigualdade inata entre as raças e considerava diferenças evolutivas para sustentar sua idéia de nação. Não resta dúvida da relação entre campo político e campo intelectual, pois se sabe que as idéias não nascem a partir de um toque de mágica e se desenvolvem a partir de sua lógica heurística. As idéias evolutivas caíram com uma luva nas mãos da elite intelectual e política para por fim a um período arcaico ou atrasado e trazer uma “modernidade”, embora o ideário muito se distanciava da realidade brasileira. O cenário brasileiro era o suporte onde as idéias européias buscavam se amoldar, entre a imagem que aspirava a elite intelectual e a realidade brasileira a distância saltava aos olhos. Longe da discussão em que as idéias estavam “fora do lugar”, tema levantado por Robert Schwarz, como nos lembra Renato Ortiz estas idéias estavam sim em seus devidos lugares. Serviu para preterir um mundo atrasado e inspirar um novo momento histórico onde o Brasil seria “moderno” e “civilizado” porque teria alcançado o estágio evolutivo pregado por Comte. Nesse sentido, o pensamento de Silvio Romero se faz sempre presente na medida em que carece de uma identidade nacional brasileira e sua “índole” que respalda uma situação atual prestes a sempre ser retomada para explicitar conjunturas sócio-políticas. Não cabe aqui tentar esmiuçar uma discussão teórica em torno de um mito fundador que sempre é retomado, mas sim apontar os desdobramentos da contribuição do pensamento romeriano para a sociedade brasileira atual (CHAUI, 2000).

Como nos lembra Lilia Schwarz tomando por base o pensamento de Silvio Romero a sociedade brasileira experimenta uma identidade pela falta engendrando uma “fábula das raças”. É verdade que o imaginário sobre as raças no Brasil apareceu pela primeira vez desde que o colonizador por aqui esteve, mas esse imaginário ganhou foros científicos e sobretudo de autoridade com a geração de Silvio Romero. Podemos afirmar que o pensamento romeriano persiste mesmo que de forma diluída na ideologia da malandragem, no jeitinho

brasileiro, na idéia de democracia racial ,e sobretudo, que se forma sempre no futuro. Essas mais não são do que desdobramentos da naturalização da cultura onde não se adentra nos reais fatores do subdesenvolvimento do Brasil, reflexo do caráter científico e incontestável da ciência onde se cria a idéia de naturalidade das questões sociais.

Bibliografia

- ROMERO, Silvio. *História da literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1960.
- ALONSO, Ângela. *Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- CÂNDIDO, Antônio. *O método crítico de Silvio Romero*. São Paulo: Edusp, 1988.
- CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2000.
- CORREIA, Mariza. *As ilusões da liberdade: a Escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. Bragança Paulista: EDUSF, 1988.
- COSTA, João Cruz. *Contribuição à História das idéias no Brasil*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- DOMINGOS, Heloisa Maria Bertol. Os intelectuais e o poder na construção da memória nacional. *Revista Tempo Brasileiro*, vol. 87, out-dez., 1986, p. 43-57.
- GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. Nação e civilização nos trópicos: O IHGB e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 01, 1988.
- JUNIOR, Caio Prado. *Formação do Brasil Contemporâneo*. 18ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1983.
- MENDONÇA, Carlos Sussekind de. *Silvio Romero: sua formação intelectual (1851 -1880)*. São Paulo: Ed. Nacional, 1938.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- PINTO, Ricardo M. *Silvio Romero: contribuições à formação do pensamento racial no Brasil (1870 – 1914)*. Dissertação de Mestrado, História, FFLCH, USP, 1996.
- RABELLO, Sylvio. *Itinerário de Silvio Romero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- SANTOS, Mariza Veloso Motta; MADEIRA, Maria Angélica. *Leituras brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- SANTOS, Wilmihara Benevides da Silva Alves dos. *Povo e raça na formação da nação: o debate entre Manoel Bomfim e Silvio Romero*. Dissertação de Mestrado, Ciências Sociais, FFC, UNESP, 2006.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- SCHWARZ, Roberto. *Cultura e Política*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1995.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. *As tradições populares na “belle époque” carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1946.
- VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.